

## O Humanismo Pessimista de Schopenhauer

José Renato Ferraz da Silveira<sup>1</sup>

**Resumo:** A História da Filosofia Ocidental é marcada por um caleidoscópio de pensadores. Alguns permanecem e outros são esquecidos. Estrelas que cintilam e outras que se apagam. As ideias dos grandes autores atravessam milênios, séculos, décadas e anos. Entendemos que Schopenhauer figura entre os principais filósofos por (re) interpretar principalmente - Platão (Ideias) e Kant (Coisa-em-si) - e criar a sua própria obra – original, rica, provocadora e inquisitiva - a partir da união entre pessimismo e humanidade, vontade e representação, dor e sofrimento, resignação e ascetismo. Como diz Thomas Mann, o pessimismo de Schopenhauer é a sua humanidade. O presente ensaio – que se lhe impõe e isto o justifica - explora o humanismo pessimista de Schopenhauer.

**Palavras-chave:** Schopenhauer, Platão, Kant, Pessimismo, Humanidade.

### Schopenhauer's Pessimistic Humanism

**Abstract:** The history of Western Philosophy is marked by a kaleidoscope of scholars. Some endure while others are forgotten. There are stars that shine and others that fade away. The ideas of great authors span millenniums, centuries, decades and years. We believe Schopenhauer is among the most important philosophers ever, mainly due to his (re)interpretation of Plato (Ideas) and Kant (Thing-in-itself) and the creation of his own work – original, valuable, provocative and inquisitive – based on the junction between pessimism and humanity, will and representation, pain and suffering, resignation and asceticism. As Thomas Mann said, Schopenhauer's pessimism is his humanity. This essay – seen as necessary and thus justified – explores Schopenhauer's pessimistic humanism.

**Keywords:** Schopenhauer, Plato, Kant, Pessimism, Humanity.

### El Humanismo Pesimista de Schopenhauer

**Resumen:** La Historia de la Filosofía Occidental está marcada por un caleidoscopio de pensadores. Algunos permanecen y otros se olvidan. Estrellas que parpadean y otras que se apagan. Las ideas de los grandes autores atraviesan milenios, siglos, décadas y años. Entendemos que Schopenhauer figura entre los principales filósofos por (re)interpretar principalmente a Platón (Ideas) y a Kant (Cosa-en-sí) y crear su propia obra – original, rica, provocativa e inquisitiva – a partir de la unión entre pesimismo y humanidad, voluntad y representación, dolor y sufrimiento, resignación y ascetismo. Como dice Thomas Mann, el pesimismo de Schopenhauer es su humanidad. El presente ensayo – que se le impone y esto lo justifica – explora el humanismo pesimista de Schopenhauer .

---

<sup>1</sup> É Professor Associado IV do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutor em Ciências Sociais (Política) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2009). Mestre em Ciências Sociais (Política) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Bacharel em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Licenciatura em História na Universidade Luterana do Brasil (2023). E-mail: jreferraz@hotmail.com

**Palabras clave:** Schopenhauer. Platón. Kant. Pesimismo. Humanidad.

## **Introdução**

“A mais eficaz consolação em toda desgraça, em todo sofrimento, é voltar os olhos para aqueles que são ainda mais desgraçados do que nós: esse remédio encontra-se ao alcance de todos. Mas que resulta daí para o conjunto?”.

Arthur Schopenhauer

“Estou convencido de que Schopenhauer é o mais genial dos homens. [...] Ao lê-lo não posso compreender como o seu nome pôde permanecer desconhecido. A única explicação possível é a que ele mesmo repete tantas vezes, de que há quase só idiotas no mundo”.

Tolstói

Certa vez, um aluno me perguntou quem são os três maiores filósofos do Mundo Ocidental? Respondi que há uma assertiva de que na filosofia ocidental existem três grandes filósofos - Platão<sup>2</sup>, Aristóteles<sup>3</sup> e Kant<sup>4</sup> – e os demais são notas de rodapé, adendos e complementos.

Essa afirmação categórica está ligada a ideia de que a “tríade maior da filosofia” produziu as obras e os pensamentos mais impactantes em mais de dois mil e quinhentos anos de história do pensamento filosófico ocidental.

Nesse sentido, vale relembrar um trecho do ensaio do escritor Thomas Mann:

Nossa alegria diante dum sistema metafísico, nossa satisfação em presença duma construção do pensamento, em que a organização espiritual do mundo se mostra num conjunto lógico, coerente e harmônico, sempre dependem eminentemente da estética; têm a mesma origem que o prazer, que a alta satisfação, sempre serena afinal, que a atividade artística nos proporciona quando cria a ordem e a forma e nos permite abranger com a vista o caos da vida, dando-lhe transparência (MANN, 1965, p. 175).

A busca da verdade e a beleza devem ser postas em consideração. A contribuição de Platão, Aristóteles e Kant está ligada a beleza que se funde na verdade. “A beleza que não se

---

<sup>2</sup> Ao distinguir o valor entre fenômeno e ideia, a matéria e o espírito, o mundo da aparência e o mundo da verdade, o temporal e o eterno, Platão representa um acontecimento prodigioso na história do espírito humano (MANN, 1965).

<sup>3</sup> Dono de um saber enciclopédico, Aristóteles escreveu sobre quase todos os assuntos. Sua obra conhecida é bastante volumosa, sobre lógica, sobre ciências naturais, moral e política; sobre as artes da retórica e da poética.

<sup>4</sup> Kant figura entre os principais filósofos da Alemanha. Suas investigações filosóficas se ocuparam de quatro questões principais: a mecânica do saber, religião, ética e a natureza do sentimento estético e a direção da evolução biológica.

fundasse na verdade, que não pudesse apelar para ela, que não nascesse dela e não vivesse graças a ela, seria pura quimera, e “que é a verdade?” (MANN, 1965, p. 175).

De fato, a importância desses três grandes autores é significativa. Nossa visão de mundo submetida a múltiplas condições, nossos conceitos, a filosofia crítica embebeu-se do pensamento dessa tríade. No entanto, asseveramos que os demais autores da História da filosofia ocidental não são notas de rodapé, adendos e complementos. Cada um deles contribuiu com “as coisas do mundo”. Cada um deles reforçou o espírito científico tanto o senso artístico do mundo ocidental.

Nesse sentido, a história do pensamento de Arthur Schopenhauer faz-nos remontar à fonte do conhecimento em que se abeberou o Ocidente. Ela conduz a Platão e Kant. No seu caderno de notas, Schopenhauer escreveu as seguintes palavras acerca de Platão e Kant: “A identidade destas duas grandes e obscuras doutrinas é um pensamento fecundo que chegará a ser uma das bases essenciais de minha filosofia” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 11).

Schopenhauer foi “discípulo” de Platão e Kant.

[...] tal é a concepção fundamental de Kant. Vê-se que muito se aproxima da de Platão. Apresentam ambas o mundo visível como uma aparência, isto é, como uma aparição inconsistente, que só adquire importância e alguma realidade pelo que nela transparece e se exprime. Para ambas, a verdadeira realidade se encontra acima, atrás, em resumo, “para além” de sua aparência e pouco importa, em suma, que se chame “Ideia” ou “Coisa em si”. Schopenhauer abrigava esses dois conceitos no mais profundo de seu pensamento. Com predileção, cedo estudou Platão e Kant (em Gottingem 1809-1811). A todos os pensadores preferia esses dois, tão afastados no espaço e tempo. Tomou-lhes emprestado o que podia ser-lhe útil e, para o seu temperamento tradicionalista, foi grande satisfação poder utilizá-los perfeitamente; mas transformou-os totalmente, conforme a sua própria natureza, que era inteiramente diferente, muito mais moderna, mais impetuosa e mais dolorosa (MANN, 1965, pp. 178-179).

### **O apelo e o temperamento criativo de Schopenhauer**

O pensamento de Schopenhauer, de que falaremos agora, e o dinamismo de sua portentosa filosofia têm-se prestado as relevantes mensagens de Platão e Kant.

O apelo e o temperamento criativo de Schopenhauer inspirou quase tantas respostas quanto criadores: Thomas Mann, James Joyce, Samuel Beckett, Nietzsche e outros.

Mann (1965) afirma que Schopenhauer – psicólogo da vontade, é o pai de toda a psicologia moderna.

A influência da filosofia de Schopenhauer (1788-1860) foi grandiosa em todos os ramos: na ciência, na filosofia e na literatura. O seu intuitivismo serviu como material para Bergson compor a sua filosofia. Os questionamentos do

pessimista alemão deram nascimento à psicanálise de Freud. Influenciou, também, nas conclusões da teoria da relatividade de Einstein. Os escritos combativos e pessimistas de Schopenhauer iriam exercer influências em figuras tão diversas como Wagner, Tolstoi, Nietzsche, Burkhardt e Wittgenstein (SILVEIRA, 2021).

O pessimismo de Schopenhauer vive entre nós. A humanidade de Schopenhauer vive entre nós. Sua filosofia estabelece relações do pessimismo e da humanidade. O pessimismo de Schopenhauer é a sua humanidade.

Todo homem que despertou dos primeiros sonhos da mocidade, que tem em consideração a sua própria experiência e a dos outros, que estudou a história do passado e a da sua época, se quaisquer preconceitos demasiado arraigados não lhe perturbam o espírito, acabará por chegar à conclusão de que este mundo dos homens é o reino do acaso e do erro, que o dominam e o governam a seu modo sem piedade alguma, auxiliados pela loucura e pela maldade, que não cessam de brandir o chicote. Por isso, o que há de melhor entre os homens só aparece após grandes esforços; qualquer inspiração nobre e sensata dificilmente contra ocasião de se mostrar, de proceder, de se fazer ouvir, ao passo que o absurdo e a falsidade no domínio das ideias, a banalidade e a vulgaridade nas regiões da arte, a malícia e velhacaria na vida prática reinam sem partilha e quase sem interrupção; não há pensamento, obra excelente que não seja exceção, um caso imprevisto, singular, incrível, perfeitamente isolado, como um aerólito produzido por uma ordem de coisa diferente daquela que nos governa. – Com respeito a cada um em particular, a história de uma existência é sempre a história de um sofrimento, porque toda carreira percorrida é uma série ininterrupta de reveses e desgraças, que cada um procura ocultar, porque sabe que, longe de inspirar aos outros simpatia ou piedade, dá-lhes enorme satisfação, de tal modo que se comprazem em pensar nos desgostos alheios a que escapam naquele momento; - é raro que um homem no fim da vida, sendo ao mesmo tempo sincero e ponderado, deseje recommençar o caminho, e não prefira infinitamente o nada absoluto (SCHOPENHAUER, 2014, pp 31- 32).

Inspirado na filosofia do grego e do alemão, Schopenhauer tomou as “Ideias” e a “Coisa em si” (*noumenon*) e definiu-a, chamou-a por seu nome: a Vontade. A vontade é a causa primeira e irreduzível do ser, sua base mais profunda, a fonte de todos os fenômenos, a potência presente e operante em cada um deles, a criadora de todo mundo visível e de toda a vida, porque seria o querer-viver. Ou seja, a vontade é algo primordial, incondicionado, um impulso cego, um instinto absolutamente gratuito, duma profundeza sem fundo.

Assim sendo, Schopenhauer une o pessimismo e o humanismo. Ele admite que é possível um sem excluir ao outro. Podemos ser pessimistas sem necessidade de ser lisonjeador da humanidade.

Mas sua humanidade, sua espiritualidade residem precisamente no matiz pessimista de sua doutrina, que o leva a renegar o mundo e a pregar um ideal ascético; no fato de

que esse grande escritor, versado em sofrimento, cuja prosa é a da grande época de nossa civilização humanista, tirou o homem do elemento biológico e da natureza, fez de sua alma, que sente e conhece, o teatro da inversão do querer e viu nele o salvador possível de todas as criaturas (MANN, 1965, p. 194).

A concepção do humanismo de Schopenhauer se baseia unicamente no conceito de vontade. "A vontade é a coisa em si, a fonte de todo fenômeno" (SZONDI, 2004, p. 53). Portanto, não seriam a inteligência, o espírito, a faculdade de conhecer que constituiriam o elemento dominador. E sim, seria a vontade, e a inteligência, sua serva.

Num mundo que é inteiramente obra da vontade, do instinto de viver absoluto, gratuito, ignorando razões e juízos de valor, não poderia a inteligência necessariamente pretender senão segundo lugar. A sensibilidade, os nervos, o cérebro, tanto como outras partes do organismo – em particular, da mesma maneira que o oposto do cérebro, órgão de conhecimento, seu polo contrário: o aparelho sexual – seriam a expressão da vontade num dado momento de sua objetivação e a representação resultante, igualmente destinada a seu serviço, não teria mais seu fim em si, mas constituiria um simples meio, um instrumento que permitiria à vontade atender a seus fins, exatamente como esses outros órgãos. Essas relações da inteligência e da vontade, essa afirmação de Schopenhauer de que a primeira era apenas o dócil instrumento da segunda implicam muito de cômico e de humilhante angústia determinam o conteúdo de todas as inclinações e aptidões do homem para se iludir e imaginar que sua vontade recebe instruções e dados da inteligência, ao passo que, segundo o nosso filósofo, é precisamente o contrário; a inteligência – independentemente de sua tarefa, que consiste em projetar um pouco de luz na vizinhança imediata da vontade e em ajuda-la em sua luta pela existência num grau mais elevado – tem por única missão servir de porta-voz à vontade, justifica-la, provê-la de motivos “morais”, em suma, racionalizar nossos instintos (MANN, 1965, p. 180).

A maior parte dos compêndios nos ensinam que Schopenhauer é em primeiro lugar, o filósofo da vontade e, no segundo lugar, o do pessimismo. Na realidade, não há hierarquia ou escala entre vontade-pessimismo. Schopenhauer foi o filósofo da vontade e do pessimismo ao mesmo tempo. Pensemos que a vontade é em si mesma uma infelicidade fundamental. É insatisfação. É o esforço em vista de algo que não se cumpre, que não se realiza. É o instável jogo entre o desejável e o possível. E nisso se mistura: sede ardente, cobiça, desejo, sofrimento. O mundo da vontade não pode ser senão o mundo do sofrimento.

A vontade, sendo a coisa em si, a substância, a essência do mundo; e a vida, o mundo visível, o fenômeno, não sendo mais que o espelho da vontade; segue-se que a vida acompanhará tão inseparavelmente a vontade como a sombra acompanha o corpo: onde houver vontade, haverá também a vida, o mundo. A vida está, pois, presa ao querer viver e, enquanto este exista em nós, não temos por que nos inquietarmos de nossa vida, mesmo no que respeita à morte. Vemos o indivíduo nascer e morrer; mas o indivíduo não é mais que um fenômeno; só existe pelo conhecimento submetido ao princípio de razão, que é o princípio de individuação; nesta ordem de ideias, certamente o indivíduo recebe a vida como um presente: saído do nada, despojado de

seu presente pela morte, volta ao nada. Mas para quem, como nós, encara a vida do ponto de vista filosófico, isto é, do ponto de vista das Ideias, nem a vontade ou a coisa em si de todos os fenômenos, nem o sujeito do conhecimento, espectador de todos esses fenômenos são em nada atingidos pelo nascimento e pela morte. Nascer e morrer pertencem ao fenômeno da vontade, por consequência à vida, cujo atributo essencial é aparecer em criaturas individuais, manifestando fugitivamente e no tempo o que em si não conhece tempo e deve precisamente manifestar-se sob esta forma a fim de poder objetivar sua verdadeira natureza. Nascimento e morte pertencem igualmente à vida, equilibram-se como condições recíprocas, ou, se quer melhor, como polos do fenômeno total da vida (SCHOPENHAUER, 1965, p. 267).

Como pondera Szondi (2004, p. 53) acerca de Schopenhauer: “O universo consiste em gradações da objetivação da vontade a partir do inorgânico, passando pela planta e pelo animal, em uma sequência de estágios que leva até o homem”.

As “Ideias” de Platão adquirem, em Schopenhauer, uma voracidade incurável, porque graus atingidos pela vontade que se objetiva, disputam uma à outra a matéria, o espaço e o tempo. Deve o mundo vegetal servir de alimento ao mundo animal e cada animal, por sua vez, de presa e alimento a outro, e assim a vontade de vida não cessa de se devorar a si mesma. O homem, enfim, considera o todo como criado para seu uso e contribui por seu lado para assinalar com a mais espantosa evidência o horror do combate de todos contra todos, o autoestragalhamento da vontade, segundo a máxima “Homo homini lupus” (MANN, 1965, p. 181).

Schopenhauer evoca o sofrimento do mundo, a angustiante e fúria de viver das inúmeras encarnações do querer.

Querer é essencialmente sofrer, e como o viver é querer, toda a existência é essencialmente dor. Quanto mais elevado é o ser, mais sofre... A vida do homem não é mais do que uma luta pela existência com a certeza de ser vencida... A vida é uma caçada incessante onde, ora como caçadores, ora como caça, os entes disputam entre si os restos de uma horrível carnificina; uma história natural da dor que se resume assim: querer sem motivo, sofrer sempre, lutar sempre, depois morrer e assim sucessivamente, pelos séculos dos séculos, até que o nosso planeta se faça em bocados (SCHOPENHAUER, 2014, p. 38).

Miséria, aflição, a dor de amar, crime, inveja, ódio, ambição, avareza, doenças e inúmeras dores do mundo, todos os males oriundos da contradição interna da vontade – impulso cego e incontrolável – surgem da caixa de Pandora. E o que resta no fundo? A esperança? Não! O tédio. Porque todas as existências humanas pendulam entre dor e o tédio. A dor é o elemento positivo. A alegria é apenas uma breve interrupção. “O bem-estar e a felicidade são, portanto, negativos, só a dor é positiva” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 25).

Logo, a alegria se torna um tédio. A vida oscila como um pêndulo, entre a dor e o tédio, que, com efeito, são os elementos constitutivos dela. “A vida humana [...] é o nada, é o vazio, é o tédio que chega, contra a qual a luta é tão penosa como contra a miséria” (SCHOPENHAUER, 1965, p. 273).

Como diz Schopenhauer (1965), toda biografia é uma história do sofrimento, uma série de fracassos, insucessos, desventuras e os outros raramente se interessam ou se apiedam. “O mundo é o inferno, e os homens se dividem em almas atormentadas e em diabos atormentadores” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 28).

O inferno do mundo excede o Inferno de Dante, no ponto em que cada um é o diabo do seu vizinho; há também um arquidiabo superior a todos os outros, é o conquistador que dispõe milhares de homens frente uns dos outros e lhes brada: “Sofrer, morrer é o vosso destino; portanto fuzilem-se, canhoneim-se mutuamente!”, e eles assim procedem” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 37).

Como salvar-se do mundo da miséria, do erro, do engano? Schopenhauer percebe que cabe ao homem a resignação e o ascetismo.

Na resignação, a própria vontade, cuja manifestação é o homem, é suprimida em uma dialética dupla. Como diz Szondi (2004, p. 54): “pois não só a vontade se volta contra si mesma no conhecimento que ela própria “acendeu como uma luz”, mas também traz à tona esse conhecimento por meio da ação trágica, cujo único herói é a vontade, que aniquila a si mesma”. Schopenhauer reconhece a luta das diversas manifestações da vontade umas com as outras. A luta da vontade contra si mesma. O humanismo de Schopenhauer está precisamente na ideia de que a mais alta e a mais adiantada objetivação da vontade é o homem.

Para ele, o homem é venerável, porque é o ser capaz de conhecer. Certo, todo conhecimento, em princípio, se submete à vontade, pois dela emerge, como a cabeça do tronco. E nos animais jamais pode suprimir esta sujeição da inteligência. Veja-se, porém, somente a diferença entre o homem e o animal, no que respeita à situação da cabeça em relação ao tronco. Nos animais inferiores, ambos se fundem e, todos a cabeça se volta para a terra onde se encontram os objetos do querer. Nos próprios animais superiores, a cabeça e o tronco são ainda muito mais unidos que no homem (MANN, 1965, p. 190).

Nessa linha de raciocínio, Schopenhauer admira o “Apolo de Belvedere”. Apolo sintetiza o mais alto grau da superioridade do homem. A cabeça do “Deus das Musas”, cujo olhar penetrante e observador do horizonte, “ergue-se tão livremente sobre os ombros, que parece ter-se escapado do corpo e ter-se libertado do cuidado de servi-lo” (MANN, 1965, p. 190).

A dignidade do homem na estátua do “Deus das Musas” é uma visão profunda, humanista, unido à arte, o conhecimento e a dignidade do sofrimento humano. É um humanismo pessimista. No homem, a suprema objetivação da vontade, o humanismo é iluminado por um claro conhecimento. À medida que o conhecimento progride e atinge maior nitidez, a consciência se eleva, também o sofrimento cresce e este varia em graus diferentes segundo os indivíduos. No homem de gênio, o sofrimento se eleva mais alto. É o aristocratismo do sofrimento de Schopenhauer: a vocação do homem e do gênio é a distinção dele com os demais. O enobrecimento é o sofrimento.

Dessa forma, o humanismo pessimista de Schopenhauer consigna ao homem - além da resignação – o ascetismo.

Puramente humana é a possibilidade do estado estético, contemplação das Ideias libertada da vontade; humana e unicamente humana é a possibilidade duma redenção definitiva, quando a vontade de viver se nega a si mesma para se elevar mais alto que o artista, até a santidade ascética. Ao homem é outorgada a possibilidade da correção, que anula o grande erro e engano do ser: intuição suprema, que lhe ocorre quando chama a si todo o sofrimento do mundo e quando pode conduzi-lo à resignação é a inversão da vontade. Assim, o homem é a esperança secreta do mundo e de todas as criaturas; é para ele que, por assim dizer, todos os seres correm, cheios de confiança; é para ele que todos levam os olhares, como para o seu possível redentor e salvador (MANN, 1965, p. 191).

No ascetismo, o homem, a partir desse momento, a vontade se desvia da existência “cujos gozos lhe fazem horror, pois aí vê a afirmação da vida” (SCHOPENHAUER, 1965, p. 287). Nesse estágio, o homem faz uma renúncia voluntária, de resignação, de quietude perfeita e despojamento absoluto de todo querer. É a passagem da virtude para o ascetismo.

Já não se contenta o homem de amar os outros como a si mesmo e de fazer por eles tanto quanto faria para si: tem horror a este de que sua pessoa é a expressão visível; detesta esse querer-viver, essência e elemento íntimo dum mundo cuja desolação conheceu toda. Renega esta natureza que se manifesta e se exprime aos olhos pelo corpo, e todos os seus atos desmentem seu fenômeno corporal e se põem em conflito com ele. Não obstante essencialmente fenômeno da vontade, deixa de querer o que quer que seja; foge a toda inclinação da vontade por um objeto qualquer e procura fortificar, sem descanso, em seu coração, a mais perfeita indiferença por todas as coisas (SCHOPENHAUER, 1965, p. 287).

No ascetismo, o instinto sexual que se pronuncia pelas partes genitais, é renegado. Ele renega seu querer e faz mentir seu corpo. A satisfação sexual é eliminada. Viver numa castidade voluntária e absoluta é a primeira etapa na vida ascética ou negação do querer viver.

O asceta recusa-se a satisfazer o sexo: sua castidade é o signo de que, com a vida desse corpo, a vontade, de que ele é a manifestação, igualmente se anula. Como definir o santo? Aquele que não faz nada de tudo que deseja e faz tudo que não deseja. Ora, a castidade ascética, tornada regra geral, acarretaria o fim da espécie humana. Mas, dada a estreita ligação de todas as manifestações da vontade, a mais alta de todas, o homem, em sua queda, arrastará também em seu débil reflexo, a animalidade, e, como assim todo conhecimento se suprimiria, o mundo inteiro – pois sem sujeito, não há objeto – por si mesmo cairia no Nada (MANN, 1965, p. 189).

O paradoxo da prosa clássica e clara de Schopenhauer – além de toda a sua misantropia, todas as suas palavras e queixas sobre o estado de corrupção da vida em geral, como o caráter grotesco e horroroso da vida humana em particular e o fato da nossa miséria humana - revela o seu humanismo pessimista. Apesar de tudo, ele reconhece que o homem é a mais alta e a mais adiantada objetificação da vontade.

Por fim, o pensamento e toda a sua filosofia rica, provocadora, inquisitiva e original brota como o próprio diz: “como uma paisagem formosa que aparecia entre as brumas da montanha” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 15).

## Referências

CABRERA, Julio. A controvérsia de Hegel e Schopenhauer em torno das relações entre a vida e a verdade. *Revista Veritas*. Porto Alegre. Março 1997. p. 35-47.

MANN, THOMAS. Schopenhauer. Trad. Pedro Ferraz do Amaral. São Paulo: Martins Editora, 1965.

SCHOPENHAUER, Arthur. A arte de ser feliz: exposta em 50 máximas. Organização e ensaio de Franco Volpi. Trad. de Marion Fleischer, Eduardo Brandão, Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. A arte de ter razão: exposta em 38 estratégias. Organização e ensaio Franco Volpi. Trad. Alexandra Krug, Eduardo Brandão; revisão da tradução Karina Jannini; a presente tradução foi revista pelo organizador Franco Volpi. 3 ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. As dores do mundo: o amor – a morte – a arte – a moral – a religião – a política – o homem e a sociedade. Trad. José de Souza Oliveira. São Paulo; EDIPRO, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. Crítica da filosofia kantiana. Trad. Wolfgang Leo Maar e Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. Assessoria de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Die Welt als Wille und Vorstellung*. Wiesbaden. Eberhard Brockhaus Verlag, 1949.

SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como representação: primeira consideração – a representação submetida ao princípio de razão: o objeto da experiência e da ciência. Trad. Pedro Ferraz do Amaral. São Paulo: Martins Editora, 1965.

SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade: segunda consideração – afirmação e negação do querer-viver, pela vontade chegada a consciência de si. Trad. Pedro Ferraz do Amaral. São Paulo: Martins Editora, 1965.

SILVEIRA, José Renato Ferraz. Com uma obra de amarguras, a glória veio-lhe as mãos. Disponível em: [http://obviousmag.org/ousa\\_saber/2021/com-uma-obra-de-amarguras-a-gloria-veio-lhe-as-maos.html](http://obviousmag.org/ousa_saber/2021/com-uma-obra-de-amarguras-a-gloria-veio-lhe-as-maos.html). Acesso em: 21/03/2021.

STRATHERN, Paul. Schopenhauer (1788-1860) em 90 minutos. Trad. Maria Helena Geordane; consultoria Maria Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SZONDI, Peter. Ensaio sobre o trágico. Trad. Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.